

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>1 de 25</p>

## PROJETO DE PESQUISA

**Coordenação geral:** Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano MAE/USP

### Resumo:

O objetivo desta pesquisa é criar instrumentos metodológicos que permitam chegar a uma compreensão aprofundada de como ocorrem as relações entre ambiente construído e sociedade na Grécia antiga. Em outras palavras, o nosso interesse é encontrar meios de interpretar os vestígios materiais relativos ao uso e à organização do espaço na Grécia antiga de sorte a aperfeiçoar o conhecimento já adquirido (através dos documentos materiais e textuais) a respeito das formas de organização social, política, econômica, ideológica da Grécia antiga. Partimos do princípio que o ambiente construído, por incorporar elementos dos sistemas sociais, político, econômico, ideológico, e de se constituir em um instrumento da comunicação humana, é um registro da história das sociedades, é um artefato histórico. Nosso foco, nesta pesquisa, será a cidade grega e seu território em épocas arcaica, clássica e helenística.

Pretendemos criar um Laboratório de estudos sobre a cidade antiga (Labeca) onde possamos reunir os instrumentos de trabalho necessários ao desenvolvimento desta pesquisa e que se configure em um espaço de trabalho, reuniões e discussão a respeito da temática proposta, propiciando a formação de novos pesquisadores.

### Histórico

O interesse pelo estudo do espaço teve origem enquanto redigia a livre-docência em 1999 ao perceber que o afunilamento da função da moeda para uma função estritamente econômica em torno do final do século V e início do século IV a.C. na Grécia antiga correspondia, grosso modo, à especialização da ágora como espaço estritamente econômico.<sup>1</sup> Este objeto de investigação –as funções da ágora grega– gerou um projeto de pesquisa apresentado ao CNPq para a obtenção de uma bolsa de produtividade que durou de 2002 a 2004. Por sua vez, este estudo realizado sobre a ágora grega gerou um segundo projeto, sobre “A contribuição das colônias ocidentais na construção da identidade da pólis grega: uso e organização do espaço” também apresentado ao CNPq com vistas à renovação da bolsa de produtividade ora em andamento e com vigência entre 2004 e 2007 (processo n. 304744/2003-4).

<sup>1</sup> *Entre Reciprocidade e Mercado: a Moeda na Grécia Antiga*. Tese de Livre-docência apresentada ao MAE/USP em outubro de 2000. Sobre a ágora ver sobretudo p. 80-85.

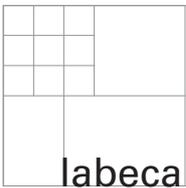
	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>2 de 25</p>

Em 1998 me envolvi com um outro projeto de pesquisa cuja temática principal era também o disciplinamento do espaço na antiguidade clássica, desta vez, na Palestina romana. Sob a coordenação geral, no Brasil, do Prof. Francisco Marshall (UFRGS) e, em Israel, do Prof. Israel Roll, este é um projeto ainda em vigor e que tem como objetivo principal o aprofundamento de nosso conhecimento, por meio de escavações arqueológicas, a respeito da cidade greco-romana de Apolônia, situada no litoral central da Palestina. Àquela ocasião, a pesquisa específica que desenvolvi no contexto deste projeto foi “Apolônia e seu território: paisagem rural e mudança social na Palestina romana” que, em conjunto, com o Prof. Carlos Roberto Galvão Sobrinho (então da Universidade de Campinas e atualmente na Universidade de Milwaukee, Wisconsin, EUA) foi apoiada pela FAPESP (Processos 99/12081-6; 00/6835-7 e 00/6834-0) e gerou além de um extenso Relatório técnico, disponível hoje na biblioteca do MAE/USP, várias publicações entre elas os artigos “Paisagem rural na Palestina romana: instrumentos de trabalho” (*Anos 90*, 17, 2003: 281-306) e “Apolônia e seu território: paisagem rural e mudança social na Palestina dos hasmoneus aos romanos – 100AC-135 DC” (*RevMAE*, 12, 2002: 81-122).

Paralelamente ao desenvolvimento destas pesquisas, ministrei disciplinas de graduação no MAE (MEA 0008 “Uso e organização do espaço na Grécia antiga”) e de pós-graduação no Programa de Pós-graduação em História Econômica (FLQ 5882 “Uso e organização do espaço na cidade-estado grega”) quando tive oportunidade de aprofundar as leituras sobre este tema bem como provocar debates enriquecedores com os alunos (ver programas em anexo).

No final de 2003, criei um Grupo de Pesquisa, registrado junto ao CNPq, denominado “A cidade e seu território no Mediterrâneo antigo: organização do espaço e sociedade”. Dele fazem parte pesquisadores já doutores bem como alunos de pós-graduação (mestrandos e doutorandos) e de graduação (Iniciação científica). Este grupo manteve como atividade comum, a partir de novembro de 2003 até julho de 2004, um calendário de 9 reuniões para a discussão de textos teóricos considerados fundamentais para a compreensão do ambiente construído no contexto social de sua produção (ver a programação em anexo). Por outro lado, como cada um dos membros do grupo desenvolve pesquisa que de uma forma ou de outra se relaciona à temática geral desenvolvida pelo Grupo, cada um pôde usar seus conhecimentos para oferecer à discussão um aporte original (ver a apresentação da nossa equipe mais abaixo).

Assim, este é um projeto que em gérmen percorreu uma longa trajetória, tendo chegado agora a um amadurecimento e por isso pensamos que podemos com

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
		<p>3 de 25</p>

o seu desenvolvimento, trazer uma contribuição efetiva para o aprofundamento dos estudos sobre a Grécia antiga em nosso meio.

## **Objetivos e justificativa**

### **1. Introdução**

Há uma definição cara a Amos Rapoport -arquiteto norte-americano que procurou abordar a organização do espaço humano a partir de uma perspectiva antropológica- que serve de ponto de partida para esta nossa pesquisa, e esta é a definição de 'ambiente construído'. De acordo com Rapoport, 'ambiente construído' é um conceito abstrato empregado para descrever os produtos da atividade humana de construir. No ambiente construído estão incluídos os tipos de edifícios, as moradias, os templos, os lugares de reunião que os homens constroem para abrigar, definir e proteger as atividades que realizam. Inclui também os pontos de referência no território e ainda sítios afastados das moradias como, por exemplo, os santuários em algumas sociedades. Os ambientes construídos incorporam igualmente formas construídas que podem estar constituídas por elementos específicos dos prédios tais como portas, paredes, pisos, telhados e chaminés ou como subdivisões espaciais dos edifícios e assim por diante (Rapoport 1978, p.17).

No estudo da interação entre os ambientes construídos e as pessoas que os produziram, é indispensável tentar revelar quais características dos seres humanos, seja como indivíduos seja como grupos, são relevantes na formação de um ambiente particular. Em outras palavras, por que meios determinadas atividades ou processos mentais promovem a construção de ambientes específicos.

É preciso então considerar que o ambiente construído é uma manifestação cultural onde se materializam os traços organizacionais de uma sociedade assim como os seus aspectos cognitivos (Rapoport 1982; Lawrence e Low 1990). No fundo, é uma fixação das atividades humanas (Rapoport 1978, p.17). Para Rapoport não há uma única explicação, um único fator determinante que explique a variação do ambiente construído de uma sociedade para outra. Para ele, esta variação se explica por causas múltiplas: as formas construídas são, em princípio, influenciadas por fatores sócio-culturais complexos, modificados por respostas arquitetônicas a fatores climáticos e a limitações de materiais e de métodos. Por outro lado, o ambiente construído já estruturado proporciona índices para o comportamento, molda o comportamento das pessoas que interagem com ele e, portanto, pode ser considerado uma forma de comunicação não verbal, visual. Os ambientes construídos são capazes de facilitar ou de inibir

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>4 de 25</p>

–catalisar ou desencadear- comportamentos latentes; incluir ou excluir grupos sociais (Rapoport 1982, cap.3; Perring 1992; Nevett 1999, cap.4; Malaco 2003a). Assim, entre os objetivos de quem estuda os ambientes construídos, encontra-se a preocupação em descobrir como a cultura os gera, e como o seu sentido é transmitido e apreendido; vale dizer, como as pessoas se apropriam deles, como os entendem e também como têm o seu comportamento influenciado por eles.

De acordo com Amos Rapoport, se podemos distinguir a interação que existe entre as pessoas e o ambiente construído deveríamos poder também identificar o mecanismo que a formula: uma vez que os seres humanos compartilham traços comuns, deveríamos poder identificar processos invariáveis que expressem como interagimos com o ambiente construído (1978, p.18). As análises e os exemplos estudados por este autor em sua vastíssima obra oferecem, com efeito, inúmeros elementos que nos permitem compreender estes mecanismos, apontando caminhos para a interpretação dos vários ambientes construídos e mostrando a riqueza de informações que tal abordagem autoriza.

Os objetivos da nossa pesquisa inserem-se nessa perspectiva geral de estudo dos ambientes construídos e de identificação das estruturas sociais neles materializadas. Quando propomos o estudo da cidade e de seu território, entendemos 1) que estes dois elementos da organização do espaço –cidade e território- com características próprias mas com um funcionamento compassado, emolduraram, como ambiente construído, durante os períodos arcaico, clássico e helenístico, a sociedade grega; 2) que o estabelecimento dos mecanismos que levaram os gregos a optar por uma ou outra alternativa no disciplinamento do espaço em que viviam e a definição das formas de interação que mantinham com o ambiente construído têm uma contribuição importante para o conhecimento da sociedade grega e de suas transformações no decorrer destes períodos. Por outro lado, os resultados obtidos com o estudo do caso grego poderão ser utilizados como referência para o estudo de outras sociedades do mundo antigo.

## 2. A cidade

O primeiro problema com que nos deparamos ao tentar compreender a cidade grega diz respeito à definição de cidade. Com efeito quais são os critérios que definem um assentamento humano como cidade? Porque na história da humanidade se formaram as cidades? O que levou os homens a constituírem cidades?

Inicialmente, há de se notar que existe um consenso que perpassa a bibliografia sobre as cidades em geral de que a história da humanidade é em essência, desde o começo das culturas ditas superiores, a história da cidade (Kolb

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>5 de 25</p>

1992, p.11). Este consenso parece estar informado por uma versão tradicional, muito aceita e repetida nos manuais de historia do urbanismo, que vincula o aparecimento da cidade como forma de assentamento humano à descoberta e regularização da atividade agrícola. Já Gordon Childe, na década de 1940 postulava uma 'revolução urbana' a partir da descoberta da agricultura e da conseqüente produção de excedente de alimentos (1960 [1941], cap. 5). Situação esta que viabilizava o sustento de uma parcela da sociedade especializada em outras atividades que não a busca da sobrevivência, criando a diferenciação social (e a divisão do trabalho) e em última análise permitindo o aparecimento do Estado. Nesta perspectiva, a urbanização, o desenvolvimento da cidade, confunde-se com a existência da 'civilização'. Este esquema interpretativo, que explica a passagem do paleolítico superior ao neolítico, pressupõe uma complexificação gradual e contínua do assentamento urbano, um crescente aprofundamento da divisão do trabalho, um aumento das trocas de mercadorias e também um conflito entre atividades econômicas desenvolvidas no campo e aquelas desenvolvidas na cidade. O que, como veremos mais abaixo, não ajuda a explicar o caráter da organização espacial entre os gregos. Ainda que a pesquisa tenha avançado muito desde então e que a enorme transformação da sociedade humana ocorrida no período 'neolítico' seja ainda hoje objeto de acirrada polêmica entre especialistas, esta é uma versão que se cristalizou e que, com poucas variáveis, podemos dizer seja hoje de 'senso comum', tomada muitas vezes como indiscutível (Malaco 2003 a, n.1, p. 9-10).

Entretanto, para se ter uma percepção um pouco mais sofisticada sobre a cidade como quadro do desenvolvimento da atividade humana em geral e no mundo clássico em particular, não podemos nos deter aqui, é indispensável passar necessariamente por autores que dela trataram com maior especificidade.

De acordo com o historiador da antiguidade Mario Levi, 'o estudo da agregação urbana como fato social é conseqüência da primeira revolução industrial do século XIX marcada pelo decréscimo da importância da produção agrícola e pelo aumento da importância do produto industrializado.' (Levi 1989, p.10). Ora, justamente é o século XIX europeu que presencia a instalação regular de um sistema de grandes núcleos urbanos associado a um desenvolvimento técnico que facilita a convivência de grandes contingentes demográficos. Neste contexto o termo cidade é automaticamente entendido como um aglomerado humano, com muitas construções, monumentais ou não.

O trabalho de Fustel de Coulanges, *La Cité Antique. Estudo sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma* (1864), que nasce nessa época

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>6 de 25</p>

mostra que o que os seus contemporâneos chamavam de cidade tinha tido na origem (Fustel lidava com a documentação escrita clássica e portanto essa sua cidade já estava bastante distanciada da época remota da passagem do paleolítico para o neolítico) um caráter bastante diverso do que o simples fato de reunir um contingente demográfico denso em vista da descoberta da agricultura. Estudando sobretudo a cidade-estado clássica, Fustel de Coulanges interessou-se em demonstrar a importância das instituições e sobretudo instituições religiosas na formação da cidade antiga, revelando que os fatos da política, da economia não eram alheios aos preceitos religiosos. A religião é, nesta análise interpretativa, pervasiva, definidora das relações sociais e, da aceitação deste fenômeno dependeria a compreensão da formação e das transformações das instituições cidadinas (1999, sobretudo p.13-15 e p.109ss.). Para Fustel de Coulanges, a religião é o elemento que está na base da forma originária de comunidade, a família, que é mantida unida por meio do culto doméstico e do culto dos antepassados. As antigas comunidades se configuravam a partir disso e eram, portanto, comunidades unidas pelo credo comum. Esta linha interpretativa distancia-se daquela que tenta ver no surgimento da cidade, no neolítico, a determinação de fatores puramente econômicos. Para Fustel de Coulanges as primeiras comunidades cresceram, evoluindo para o *genos*, depois para a tribo, e finalmente para a pólis e para a *civitas*. Embutida nessa seqüência há toda a questão do desenvolvimento da propriedade e da divisão das terras (Momigliano, 1970). Se por um lado este esquema em que não se leva em conta a existência de grupos nômades e pastores que viviam e se organizavam à mesma época em que existiam a pólis grega ou a *civitas* romana é hoje bastante criticado por não corresponder à realidade dos fatos, por outro, a pervasão das instituições religiosas na configuração das relações sociais na cidade-estado é um dado considerado fundamental em análises mais recentes e tem tido adeptos que podem ser contados entre os franceses, na escola que surge a partir do final do século XIX, desde Durkheim, Glotz e Gernet até o grupo formado em torno de Vernant no Centre Louis Gernet. E, como bem chama a atenção Levi, a obra de um autor bastante recente e muito citado na bibliografia atual que lida com a pólis grega, de Polignac (1984)<sup>2</sup>, “também deve a Fustel de Coulanges bem mais do que o próprio de Polignac está preparado para admitir” (Levi 1989, p.33).

Depois de Fustel de Coulanges muitos autores se debruçaram com maior ou menor atenção sobre a questão da origem ou da definição da cidade antiga. Falaremos aqui de Max Weber, cujo estudo sobre a cidade incorporado em sua obra póstuma *Economia e Sociedade* (1922) exerceu, como a obra de

2 Ver mais abaixo, p. 11-12.

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>7 de 25</p>

Fustel de Coulanges, uma enorme influência nos historiadores da Antiguidade e por isso é extremamente citado e comentado pelos mesmos.<sup>3</sup> Tentando compreender a gênese do capitalismo, ou melhor dizendo, tentando explicar porque a Antiguidade não presenciou formas de capitalismo, Weber produziu um longo ensaio sobre a morfologia das cidades antigas em comparação com as cidades medievais<sup>4</sup>. A partir de uma infinidade de exemplos, Weber define os critérios que um assentamento humano deve possuir para que possa ser denominado como cidade: 1) uma fortaleza; 2) um mercado; 3) tribunal próprio e direito, pelo menos parcialmente, próprio; 4) caráter de associação e unido a isto 5) pelo menos, uma autonomia e autocefalia parcial, portanto, administração por autoridade em cuja designação os habitantes participassem de algum modo (Weber 1944, p. 949). Para Weber, a cidade é um assentamento que apresenta uma certa densidade, é uma localidade em que as pessoas moram juntas e não dispersas em um território. Esses habitantes devem também viver, em sua maioria, do produto da indústria ou do comércio e não mais da agricultura; os alimentos devem ser produzidos por outros. Para Weber, o mundo clássico não desenvolve o capitalismo exatamente porque a cidade era - antes de ser mais do que uma cidade produtora - uma cidade consumidora. Isto significa que seus habitantes dependiam principalmente para a sua manutenção do trabalho próprio ou do trabalho executado em suas propriedades. A divisão de trabalho gerada na Idade Média entre as atividades econômicas realizadas no campo e aquelas realizadas na cidade foi, na perspectiva weberiana, a semente que permitiu a germinação do capitalismo. Como esta divisão não existia na cidade-estado antiga, e a economia e as relações de poder na cidade fundamentavam-se na riqueza criada internamente e que circulava ali mesmo, as condições para o surgimento do capitalismo não amadureceram. Evidentemente, como toda a obra de Weber, este capítulo sobre a cidade é extremamente denso. Weber detecta as inúmeras variáveis que compõem os muitos exemplos de configurações de cidades antigas e medievais que analisa, e a partir delas, estrutura um 'tipo ideal' definidor de cidade que não deve ser confundido com a realidade dos fatos.

3 Vide por exemplo M. Finley, *Max Weber, e la città-stato greca*, 1987 e *The Ancient City: from Fustel de Coulanges to Max Weber and beyond*, 1977. De acordo com Finley, a abordagem weberiana insere-se em uma tradição interpretativa a respeito da cidade que inclui Bücher, Sombart, e outros. Mas, foi o texto de Weber o mais lido e discutido. Ver também M. Levi *La città antica*, 1989; F. Kolb *La ciudad en la Antigüedad* e A. Momigliano, *La città antica di Fustel de Coulanges e Libertà di Parola e tolleranza religiosa nel Mondo Antico* para citar alguns dos maiores historiadores da mundo antigo ou da cidade antiga.

4 Usamos aqui *Economia y Sociedad. Esbozo de Sociología Comprensiva*, (2 vols.) edição em espanhol feita pela FCE do México (1944) a partir da edição alemã preparada por Johannes Winckelmann. O texto sobre a cidade incluído nesta obra havia sido publicado anteriormente em 1909.

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labecca</p>		<p>8 de 25</p>

Finley, Kolb, Momigliano, Levi, Whittaker e tantos outros autores preocupados com o estudo da cidade antiga repassaram, cada um por sua vez, as contribuições tanto de Fustel de Coulanges quanto as de Max Weber para a definição e explicação do fenômeno urbano. Ao mesmo tempo, procuraram apontar alguns caminhos que pudessem ser trilhados em pesquisas preocupadas com a explicação da cidade antiga.

Finley, por exemplo, admite que o mundo greco-romano era um mundo de cidades, mas para ele tanto aldeias e vilarejos ou pequenos núcleos urbanos quanto grandes centros urbanos podem ser chamados de cidades (1977, p. 3). Sua posição com relação à construção de um conceito que sirva para todas as cidades é extremamente cética: “O óbice na definição nasce de dificuldades aparentemente insuperáveis de incorporar todas as variáveis essenciais sem excluir períodos totais da história nos quais todos nós sabemos que existiram cidades e, por outro lado, de estabelecer um denominador comum mínimo sem vínculo com um nível de generalidade que não serve para um propósito útil” (Finley 1977, p. 6).

Kolb, por outro lado, estabelece critérios fechados para a definição de cidade: 1) Unidade topográfica e administrativa do assentamento; 2) População de vários milhares de habitantes (lugares com alguns milhares devem ser considerados casos limite); 3) Divisão do trabalho e diferenciação social bem definida; 4) Diversidade de construções; 5) Modo de vida urbano; 6) Função do assentamento como centro de um entorno (Kolb 1992, p. 15). Sua preocupação é aplicar estes critérios ao seu estudo de assentamentos humanos antigos do Oriente Próximo, da Grécia e de Roma, tentando identificar onde é possível ou não falar da existência de cidades.

Levi, por sua vez, acredita ser o fenômeno urbano muito complexo e, para ele, a unilateralidade de critérios definidores não dão conta de sua explicação: densidade demográfica por si só não explica o caráter das cidades, assim como tampouco o fazem de forma satisfatória o fator econômico, ou o religioso ou mesmo o político-administrativo. “Em verdade, o conceito de cidade é tão complexo que as causas da fundação, do crescimento e do abandono de uma cidade não podem ser estudadas sem se ter presente que, na história, não existe apenas racionalidade e coerência entre premissas e consequências e, portanto, as explicações unívocas não resistem e também não os fenômenos análogos em tudo e classificáveis” (Levi 1989, p. 38). Um a um, Levi desmonta os critérios propostos por Kolb e propõe em primeiro lugar uma hierarquização entre ‘centro habitado’ e ‘cidade’. Levi dá a entender que a única regra possível na criação

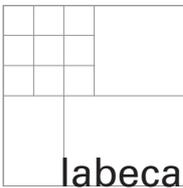
	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>9 de 25</p>

de um conceito que dê conta da explicação do fenômeno urbano é a de que um 'centro habitado' para ser considerado uma 'cidade' deve necessariamente exercer uma ação que interessa às pessoas e aos países que se encontram fora dos limites de seu território. O seu estudo, definido como uma morfologia e biografia da agregação urbana, mostra, justamente, tal como os exemplos trabalhados por Max Weber, uma variedade enorme de traços diante dos quais qualquer conceituação mais detalhada revela-se praticamente impossível.

Finalmente, e para mencionar apenas mais um autor entre tantos que trataram da cidade antiga, Whittaker procura mostrar como existem inúmeros modelos para o estudo da cidade antiga: alguns melhores que outros mas, no fundo, todos úteis quando utilizados com flexibilidade e critério. São analisados o modelo de Weber; e o desdobramento de seu uso em Finley; o modelo da cidade administrativa empregado para as cidades helenísticas e imperiais romanas; o modelo da cidade comercial. O autor mostra como todos estes enriquecem nossa percepção da cidade antiga, sem entretanto propor um modelo único de interpretação.

### 3. A cidade grega

Diante desse quadro tão repleto de variáveis a respeito das definições de cidade é que devemos situar nossa reflexão a respeito da cidade grega. Nesse caso que nos interessa em particular, a nossa primeira preocupação deve ser tentar compreender o que vem sendo apresentado neste contexto como cidade. Aprendemos desde sempre que a unidade urbana, política e territorial primordial da Grécia antiga era a pólis, termo que traduzimos automaticamente por cidade-estado. Entretanto, o assentamento urbano, propriamente dito (denominado pelos gregos de *ásty*), a aglomeração do casario, as ruas, os monumentos e as construções públicas não necessariamente são os únicos componentes da cidade, no seu sentido de pólis. O termo pólis designava também todo o território agriculturável, ou os espaços cobertos por bosques e aqueles esparsamente ocupados (a *khóra*). Ainda que tivesse essa faceta material, para os gregos, a pólis era acima de tudo, uma concepção política. Quem constituía a pólis era a comunidade dos cidadãos (os *polités*), muito mais do que um centro urbano com todas as suas construções ou com suas fronteiras territoriais. Aristóteles é bem claro com relação a isto: "Quando várias aldeias se unem numa única comunidade grande o bastante para ser autosuficiente (ou para estar perto disto) configura-se a pólis - nasce para assegurar o viver e que, depois de formada, é capaz de assegurar o viver bem. Portanto, a polis é uma forma natural de associação, assim o eram as associações primitivas das quais ela se originou"

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labecca</p>		<p>10 de 25</p>

(Livro I, II, 1253 a ). E ainda que no Livro III, explique que o termo pólis inclui “um estado e o seu território” (Livro III, por exemplo, 1276 b), a noção de cidadania e de Estado prevalecem na definição de pólis em detrimento da noção de espaço e de território. Em um período tardio, no século II d.C., um autor grego como, por exemplo, Pausânias, remete-nos também para uma definição de pólis que privilegia o aspecto do ‘político’ propriamente dito, quando descreve Panopeo na Fócida: “Se se pode chamar pólis um lugar assim que não possui edifícios oficiais, nem ginásio, nem teatro, nem sequer água que flua de uma fonte, e onde se mora em casas semelhantes a cabanas das montanhas na beira do penhasco. Apesar de tudo isso, eles possuem as suas fronteiras que os separam dos vizinhos e também enviam representantes à assembléia dos fóceos.” (X,4,1).

Daí a dificuldade dos estudiosos em construir uma definição de pólis que incorpore o que entendemos por cidade (ou achamos que entendemos por cidade...) ao que ficou escrito com relação ao que os gregos entendiam como sua unidade organizacional básica. Hansen, coordenador do ‘Copenhagen Pólis Centre’, assim definiu pólis: “Comunidade pequena, com governo próprio, de cidadãos vivendo em um centro urbano e seu território” (1997, p. 13). Kolb que, como vimos acima, utiliza critérios rígidos para estabelecer o que é cidade, tem dificuldade em sobrepor o conceito de pólis ao de cidade: “O conceito de pólis designa na maioria das vezes um estado em cujo território *pode* encontrar-se uma cidade, mas não *necessariamente*. Por outro lado, várias cidades podem pertencer a uma só pólis” (os itálicos são do autor; 1992, p. 61). A conceituação do arqueólogo inglês Snodgrass, aproxima-se da de Hansen “...o termo pólis denota, em senso estrito, uma unidade política que consiste de um assentamento e seu território, unido politicamente um com outro, e independente de outras unidades políticas.” (1986, p. 47) Como se nota, ainda que guardem algumas diferenças, todas estas definições – como a de Aristóteles e a de Pausânias - priorizam o aspecto político como primeiro critério na definição de pólis.

Assim, como arqueólogos –que, por definição, procuram destrinchar as formas de organização das sociedades a partir de documentos materiais- é indispensável estarmos extremamente atentos a quando aplicamos os termos pólis ou cidade. A forma assentamento (*settlement*) pode, neste sentido, ser mais precisa, para designar os agrupamentos de edificações cuja organização social e/ou política ainda não se conhece; por isso também, o termo pólis e a expressão cidade grega devem ser usados criteriosamente.

Por outro lado, é também indispensável lembrar que os próprios gregos conviviam com outras formas de agrupamentos humanos que implicavam em

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>11 de 25</p>

maneiras diversas de disciplinamento do espaço e que não eram necessariamente pólis e que às vezes se sobrepunham às pólis enquanto em outras vezes se afastavam, mesmo se seus habitantes fossem gregos. É o caso das *kómai* ou vilarejos (Hansen, 1995, p. 45-81). Em um exemplo muito citado, Tucídides explica que a pólis espartana em época clássica não era fruto de um sinecismo de vilarejos (como havia ocorrido com outras pólis como Atenas ou Tebas) mas, os espartanos viviam *kata komas*. De acordo com Humphreys, Tucídides quis dizer que os espartanos possuíam as instituições políticas que os definiam como pólis mas não tinham as características arquitetônicas, físicas, às quais essas instituições eram ligadas (Humphreys 1979, p. 263).

Além das *kómai* que os gregos viam como agrupamentos ‘antigos’, próprios de épocas anteriores, haviam os *frúria* (cidadelas), as *cleruquias* (colônias), os *empória* (‘portos de comércio’), e as *éthne* (tribos, nações). No pensamento grego todos estes eram assentamentos que atendiam a situações peculiares, seja de épocas anteriores como mencionado no caso das *kómai*, seja no caso de povos não gregos (a maioria organizada em *éthne*). Para os gregos, esta diferenciação entre os vários tipos de estados que se organizavam espacialmente de modo diverso ao da pólis era digna de registro e de tratamento muito mais do que eventuais diferenças entre os vários lugares no interior da pólis. A oposição econômica e por vezes até política entre campo e cidade, entre rural e urbano que faz parte dos critérios definidores de conceitos de cidade como os que vimos acima (os conceitos de Kolb e de Weber, por exemplo), perde completamente o sentido quando analisada do ponto de vista da mentalidade dos próprios gregos. Quando um Aristófanes, por exemplo, faz piada sobre o modo de vida campônio de Estrepsíades n’*As Nuvens*, trata-se muito mais de uma questão cultural e de contraste entre estilos de vida do que uma diferenciação propriamente institucional ou econômica entre campo e cidade.

Todas estas reflexões sobre a cidade e em particular sobre a cidade antiga grega fundamentam-se em uma vasta documentação filosófica, histórica, literária e jurídica que procura sempre unir a especulação filosófica antiga a respeito da cidade ideal em sua relação com a cidade real, esta última experimentada no cotidiano grego. Mas, há também, por outro lado, as reflexões que são sugeridas pelas realizações urbanísticas concretas documentadas pelo número infundável de escavações arqueológicas realizadas na Grécia continental, na Grécia do Leste e no Ocidente grego. Publicações de relatos de escavações, a respeito de cidades inteiras, de partes de cidades e ainda de estruturas arquitetônicas específicas são inúmeras. Mais raras são as obras que procuraram sistematizar o

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>12 de 25</p>

conjunto destas informações e oferecer alguma interpretação sobre a organização do espaço da cidade grega como um todo. Merece destaque, entre estas, a obra do estudioso francês Roland Martin. *L'urbanisme dans la Grèce antique* (1956) e *Recherches sur l'agora grecque* (1951) são obras insubstituíveis que procuram na medida do possível reunir os dados materiais disponíveis à época de sua composição a fim de dar-lhes um sentido, oferecendo uma explicação a respeito dos aspectos materiais visíveis dos centros urbanos propriamente ditos. Assim, quando trata do urbanismo na Grécia, Martin estabelece alguns princípios fundamentais em que combina os dados materiais às informações textuais. Além disso, divide as estruturas arquitetônicas conhecidas à sua época em edifícios públicos e edificações privadas, descrevendo cada tipo de acordo com uma massa documental enorme. O mesmo procedimento é utilizado na análise que faz da ágora grega: analisa os documentos textuais a respeito da ágora e em seguida descreve com riqueza de detalhes as diferentes ágoras encontradas pelo mundo grego afora. A temática da arquitetura e do urbanismo é ainda retomada em inúmeros artigos e publicações específicas sobre um assunto ou outro. Caracterizada por grande erudição e por uma sistematização da descrição de cidades e edificações, a obra de Martin permanece ainda hoje como ponto de partida para os estudos da materialidade da cidade grega.

Além dos trabalhos de Martin, há ainda obras gerais que tratam da questão do planejamento urbano grego com alguma profundidade. Entre aquelas que são encontradas em nossas bibliotecas, há de se destacar o pequeno livro (pequeno, porém exemplar) de J.B. Ward Perkins sobre *Cities of Ancient Greece and Italy: Planning in Classical Antiquity* (1974), o de F. Castagnoli que trata de *Orthogonal Town Planning in Antiquity* (1972) ou ainda o de R.E. Wycherley *How the Greeks built their cities* (1962). Nos três, as informações são preciosas e a reunião de dados materiais e bibliográficos em volumes pequenos e manuseáveis tem sido de grande importância na sistematização temática que pretendemos. No caso de Wycherley é preciso lembrar que ainda que nesta obra o autor fundamente sua descrição quase que exclusivamente no caso ateniense, a sua erudição e cuidado no tratamento dos temas propostos tornam o seu pequeno manual um excelente guia.<sup>5</sup>

Mas, note-se, que todas estas obras tratam exclusivamente dos aglomerados urbanos, locais em que as pessoas viviam em casarios contíguos, em que os edifícios públicos se distribuíam por esse espaço todo construído em que as ruas

---

5 Wycherley é também autor de vários artigos fundamentais em que trata de temas mais específicos e então vale-se de dados documentais que vão muito além do caso ateniense. Vide a bibliografia.

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>13 de 25</p>

guiavam a circulação. São obras que tratam do que nós chamamos hoje em dia de ‘malha urbana’. Ora, mencionamos acima que justamente a cidade-estado grega é mais que isso: o conjunto dos *polítai* distribuía-se por um espaço maior que o núcleo urbano e as relações sociais se estendiam além daquele centro todo construído. Daí a importância do território grego, da campanha associada ao núcleo urbano propriamente dito. Como dissemos acima, a *khóra* grega tinha importância fundamental na sociedade pois ali estava a propriedade da terra que fundamentava a cidadania e ali também estavam os terrenos comuns, os abrigos dos pastores, os bosques, as pedreiras ou as áreas de mineração utilizadas pela cidade em seu conjunto e ali também havia terrenos pertencentes aos deuses e aos *daimonia*, grandes *temenoi* ou pequenos santuários campestres. Nestes casos, são os estudos de arqueologia espacial que, por meio dos levantamentos sistemáticos de superfície, realizados sobretudo a partir dos anos de 1950, vêm reunindo documentação preciosa que poderá ser organizada com a finalidade de estudar também o território das pólis gregas em associação com os núcleos urbanos.<sup>6</sup>

Assim, enquanto ainda existe nos dias de hoje uma arqueologia clássica mais tradicional, mais voltada para o estudo detalhado de séries de edifícios, de detalhes construtivos, de sítios arqueológicos em sua especificidade, que é uma Arqueologia herdeira da grande erudição do século XIX e que sem sombra de dúvida trouxe uma contribuição inestimável —irreversível até como diria Bruce Trigger (1989)— para o nosso conhecimento da Antigüidade, com relação ao estudo do uso e da organização do espaço, a Arqueologia espacial abriu caminhos inovadores. Desenvolvida entre os classicistas por arqueólogos ingleses e italianos no estudo de grandes extensões de terreno no pós II Guerra Mundial europeu quando a reconstrução da Itália e a modernização do país estavam prestes a destruir boa parte dos sítios arqueológicos etruscos, gregos e romanos, esta Arqueologia adaptou a técnica do *survey* —levantamento espacial de superfície— já utilizada por pré-historiadores. Estes pesquisadores, no fundo, transformaram o ambiente construído em um documento importante da história da Antigüidade já que relações campo-cidade, relações entre os espaços sagrados e espaços profanos, transformações no sistema de propriedade da terra, densidade de ocupação do território, transformações operadas na produção, passaram a ganhar contornos novos por meio deste tipo de estudo.<sup>7</sup>

Além dos estudos de Arqueologia espacial, a Arqueologia clássica vem ganhando novo fôlego pelo re-aproveitamento, ou o re-estudo, da massa de

6 Vide sobretudo os textos de Bintliff, Snodgrass, Alcock e Cherry, na bibliografia.

7 Ver sobretudo Barker e Lloyd, 1991

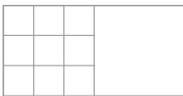
	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>14 de 25</p>

documentos materiais (artefatos, edificações, textos sobre o documento material, documentos visuais, fotografias ou desenhos, etc.) produzida nos últimos cem anos por antigas escavações, por colecionadores e assim por diante. Por meio de perspectivas mais atualizadas, como a aplicação de conceitos gerados pela Antropologia ou como a aplicação de métodos da estatística ou métodos físicos, químicos e biológicos estes documentos ganham nova vida e podem atender melhor às necessidades de uma Arqueologia científica mais moderna, típica da sociedade contemporânea.<sup>8</sup>

Assim, entre os estudos que se ocupam do disciplinamento do espaço na Grécia e que usam uma perspectiva mais atualizada, vale citar o de Lisa Nevett que reaproveita toda a documentação construída a partir das escavações de Olinto no norte da Grécia e a sistematiza estatisticamente. Em sua re-interpretação do espaço doméstico emprega igualmente dados etnográficos, enriquecendo as possibilidades de compreensão do uso da casa pela célula familiar e dos papéis feminino e masculino nessa esfera social (1999, p. 4-20). Nesta mesma linha de trabalho podemos citar a obra de Ian Morris que lida com o espaço dos mortos na Ática, redefinindo a partir da comparação dos monumentos e da sua organização no espaço, padrões sociais de enterramento e retirando deles formas de organização dos valores sociais com relação à morte (1992). Entre nós é preciso citar André Chevitarese, *O espaço rural da pólis grega. O caso ateniense no período clássico*, que retoma toda a documentação existente sobre a *khóra* ateniense, sistematizando-a e comparando-a aos resultados conhecidos a respeito de outras regiões do Egeu e do Mar Negro, associando de maneira eficaz documento textual e documento material. Também devemos lembrar aqui um trabalho produzido em nosso meio acadêmico, de Marta M. de Andrade, *A vida comum: espaço, cotidiano e cidade na Atenas Clássica*, que lida com as esferas do público e do privado a partir tanto das descrições dos aspectos materiais quanto das ideias expressas no documento textual antigo.

Um outro campo em que os estudos relativos à organização do espaço entre os gregos vêm produzindo resultados importantes é o estudo das colônias gregas da Magna Grécia e da Sicília e daquelas localizadas no Quersoneso Táurico e no Mar Negro. Nessas regiões, onde a constituição das cidades ocorre antes ou concomitantemente ao fenômeno na Grécia metropolitana, escavações arqueológicas localizadas, associadas a levantamentos espaciais sistemáticos têm trazido à luz dados sobre a organização do território, distribuição de

8 Ver, por exemplo, Humphreys 1979 ou ainda obras que colocam o tema do gênero na agenda como K. Stears, *Women and the family in Funerary ritual and art of Classical Athens*. Londres, 1993 (tese doutorado)

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>15 de 25</p>

propriedades agrícolas, sistemas de produção agrícola, relacionamento entre núcleo urbano e território.<sup>9</sup>

Entre estes últimos trabalhos que focalizam a relevância do território em associação com o núcleo urbano para a formação da cidade grega em geral com destaque para a área colonial do Ocidente, deve ser lembrado o livro já mencionado mais acima de François de Polignac. Originalmente uma tese de doutorado, foi publicado em 1984, em francês, *La naissance de la cité grecque* e re-publicada pela Universidade de Chicago em 1995 em inglês com o título *Cults, Territory and the Origins of the Greek City-state*. A proposição básica de de Polignac pode ser aferida a partir de sua explicação do aparecimento da pólis grega: “O que chamamos de pólis resultou do estabelecimento progressivo de coesões sociais e de hierarquias que tornaram a forma de busca por um acordo com relação à escolha dos cultos mediadores e das modalidades de participação em seus ritos.” (1995, p. x). Os cultos mediados consistiam, em primeiro lugar, de cultos dedicados às divindades protetoras do território e, em segundo lugar, dos cultos dedicados no coração do centro urbano aos heróis, fundadores míticos (ou reais) da cidade. Nos dois pólos do espaço cívico, encontramos os santuários extra-urbanos e os túmulos dos heróis combinados para confirmar a dominação sobre o território. A pólis grega é assim vista não como uma formação estatal estruturada mas sim como “um agente que desenvolveu vários modos de participação em práticas sociais ritualizadas” (1995, p. viii e passim). Ainda que críticas tenham sido levantadas contra a proposição de de Polignac<sup>10</sup>, sua obra tem sido sempre uma referência importante, muito citada pela bibliografia que estuda a cidade grega, seja para nuançar suas hipóteses diante de dados arqueológicos novos, seja para confirmá-las ou completá-las.<sup>11</sup>

Procuramos até aqui pontuar o cenário conceitual em que deverá se desenvolver a nossa pesquisa: a pólis grega, vista como uma cidade no sentido de um núcleo urbano, integrada ao seu território e analisada como um ambiente construído. Propomos neste projeto ultrapassar a fase descritiva e de interpretação imediata dos documentos materiais e dos textos antigos procurando uma melhor compreensão de como ocorrem as relações entre o ambiente construído e sociedade na Grécia antiga. Em outras palavras, o nosso interesse é criar instrumentos metodológicos para interpretar os vestígios materiais relativos

9 Ver na bibliografia sobretudo os trabalhos de Pecirka e Chtcheglov na bibliografia. Ver *La Città e il suo territorio*. Atti del Settimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto, 1967.

10 Ver, por exemplo, Levi 1989, p. 33 e a introdução à edição norte-americana, 1995, p. xiii-xiv. Diga-se que também o ‘Copenhagen Pólis Centre’ não trabalha com a hipótese de de Polignac, preferindo enfatizar o aspecto secular da pólis e não o religioso.

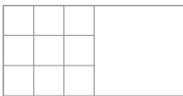
11 Ver, por exemplo, De Angelis, 2003.

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p><b>labecca</b></p>		<p>16 de 25</p>

ao uso e à organização do espaço na Grécia antiga de sorte a aperfeiçoar o conhecimento já adquirido (através dos documentos materiais e textuais) a respeito das formas de organização social, política, econômica, ideológica da Grécia antiga. Como afirma Malaco, “A cidade é e mostra ruas e praças, não o mútuo relacionar-se dos indivíduos. Mas, como o edifício foi construído para a reunião e a praça para o encontro, devendo, para o desempenho dessas funções, adequar-se às características de quem o usa, pode-se pelo edifício, ter já uma idéia do número de pessoas que o utilizam, assim, como pelo número do traje, a estatura de seu dono..... Por isso, os objetos em geral e a cidade em particular, podem expressar o que são seus criadores e usuários”. Por outro lado, e acompanhando o raciocínio de Malaco, como não somos propriamente os objetos que criamos, “eles têm sua vida própria, escapando ao nosso controle ..... Na cidade, a grandeza do edifício não precisa, necessariamente corresponder à grandeza de seu proprietário... A cidade pode ser também engano e impostura.” E ainda, “O aparecer que, da sociedade, se tem na cidade, não é um aparecer onde a sociedade mostre a si mesma, imediatamente.” (Malaco 2003 a, p. 18-19). Com efeito, há de se decodificar a cidade se quisermos chegar à sociedade que a produziu; há de se encontrar os mecanismos que formularam os seus principais traços.

### **Metodologia**

Nossa intenção na estruturação deste projeto temático é a criação de um Laboratório de estudos sobre a cidade antiga (Labecca) onde possamos reunir os instrumentos de trabalho necessários ao desenvolvimento desta pesquisa e que se configure em um espaço de trabalho, reuniões e discussão a respeito da temática proposta. Em nosso entender este laboratório teria um potencial de congregar pesquisadores e alunos interessados em aprofundar seus conhecimentos a respeito da civilização grega trazendo uma contribuição relevante ao desenvolvimento dos estudos clássicos em nosso meio acadêmico. É nossa proposta promover por intermédio deste Laboratório encontros não apenas entre os pesquisadores sediados em São Paulo como também entre os pesquisadores interessados na temática vindos de outros centros universitários e de pesquisa, do Brasil e do exterior. Entendemos que a criação e a organização deste Laboratório ocupará os primeiros quatro anos, mas poderá –conforme os resultados obtidos– tornar-se um centro permanente de pesquisas no seio da Universidade, unindo a formação de pesquisadores à divulgação de conhecimentos sobre a Antigüidade clássica no ensino superior, médio e fundamental. Trata-se de reunir esforços

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>17 de 25</p>

de classicistas em torno de metas comuns de sorte a promover resultados consistentes para o futuro.

Como para o arqueólogo-historiador clássico que lida com o disciplinamento do espaço, nosso grande desafio será tornar a cidade grega -como ambiente construído que é- em um documento, ou seja, um objeto, uma realidade física, portadora de informações sobre a sociedade que a produziu. Para o arquiteto moderno, como Rapoport, que estuda os ambientes construídos contemporâneos, estes estão dados, são visíveis, passíveis de serem fotografados, filmados, desenhados. Os ambientes construídos da Antigüidade clássica, como tudo o que conhecemos sobre ela, são fragmentários, dependem de textos antigos lacunosos e de vestígios materiais muitas vezes de difícil interpretação. Assim a metodologia de estudo tem que ser escolhida com cuidado, de sorte que possa potencializar e direcionar as informações para a(s) temática(s) definida(s).

Como necessariamente teremos que compreender os códigos embutidos nos traços da cidade e do território gregos, será indispensável conhecer o contexto da sua criação e da sua apropriação no tempo. Para tanto, acreditamos que a reunião de uma documentação sistemática sobre a cidade e a *khóra* gregas, a comparação entre as várias pólis e a identificação de constantes e variáveis podem, sem dúvida trazer um aporte fundamental para a compreensão desse fenômeno. Em nosso entender, faz falta uma abordagem mais 'integrativa' da cidade grega que promova um aproveitamento melhor do potencial do documento material assimilando-o ao que a discussão dos textos antigos permite entrever.

Lembramos que existem dois centros acadêmicos importantes que estudam a cidade antiga: *The Copenhagen Pólis Centre* (CPC) ligado à Fundação Nacional de Pesquisa da Dinamarca, criado em 1993 pelo historiador Mogens Herman Hansen e o *Harvard Project on the City* criado em 1996 pelo arquiteto polêmico e famoso Rem Koolhaas, professor da *Graduate School of Design* da Universidade de Harvard. O projeto que fundamentava o CPC foi programado inicialmente para cinco anos e tinha como principal objetivo produzir um inventário de todas as cidades-estado gregas de 600 a 300 a.C.<sup>12</sup>. O CPC promoveu com regularidade encontros entre estudiosos e os textos produzidos e publicados em forma de *proceedings* desses simpósios são riquíssimos em material documental novo. Entretanto, o banco de dados estruturado trabalha apenas com documentação textual<sup>13</sup>. Por incrível que possa parecer e contradizendo Finley, que em várias

12 As principais informações a respeito deste Centro podem ser encontradas em [www.igl.ku.dk/PÓLIS](http://www.igl.ku.dk/PÓLIS); ainda que suspeito que o site não esteja atualizado.

13 Encontramos um único texto em nosso levantamento nas publicações vinculadas ao CPC que trata de um aspecto físico da pólis, das *ergasteria* a partir de documento material: Fischer-Hansen, T. "Ergasteria in the Western Greek World" em P. Flensted-Jensen et alii (eds.)

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>18 de 25</p>

oportunidades manifestou o seu ceticismo com relação a estudos realmente inovadores de História antiga<sup>14</sup>, estas publicações têm o grande mérito de ter criado sistemáticas de pesquisa com os documentos textuais que produziram conhecimentos realmente novos.<sup>15</sup>

No caso do *Harvard Project on the City*, percebemos que se trata de um programa de pesquisas vinculado sobretudo aos aspectos de projeto e funcionamento da cidade contemporânea. Este programa desenvolve sobretudo um interesse pela prática da arquitetura no mundo globalizado e por conceituar a cidade atual, que para Koolhaas, é algo diferente do que sempre entendíamos como cidade. A este grande programa de pesquisa estão ligados sub-projetos, sobre condições de urbanização na China atual, sobre os Shopping Centers, sobre o urbanismo na África e sobre a cidade romana. Este último sub-projeto foi o que nos chamou a atenção em primeiro lugar. Trata-se de “examinar a invenção e a expansão da ‘sistemática’ cidade romana como precursora da modernização e protótipo do processo de globalização atual”.<sup>16</sup> Ainda que o nosso objeto de investigação não se insira na temática geral proposta pelo *Project on the City*, nem com relação ao tema e nem do ponto de vista cronológico, entendemos que o conhecimento de suas premissas e dos resultados obtidos possam ser de interesse do ponto de vista teórico e/ou metodológico.

Assim, ao mesmo tempo em que poderemos manter o contato com estes Centros, acompanhando a sua produção, pretendemos trazer uma contribuição própria para o estudo da cidade antiga em que se valorize a enorme massa documental reunida.

No laboratório sobre a cidade antiga, o Labeca, cuja criação está prevista no bojo deste projeto –como já anunciamos acima-, pensamos reunir instrumentos de trabalho entre os quais devemos listar:

---

*Pólis and Politics*. Studies in Ancient Greek History presented to Mogens Herman Hansen on his sixtieth birthday august 20, 2000. Museum Tusculanum Press, University of Copenhagen, 2000, p. 91-120.

14 Em vários estudos, Finley dá a entender que o estudo sobre a Antigüidade estava já à sua época esgotado, tendo em vista que ele rara vez considerava que a contribuição da Arqueologia poderia ir além de uma ilustração dos textos e que depois da descoberta do texto da Constituição de Atenas de Aristóteles no final do século XIX dificilmente apareceria algo novo. Veja-se esta sua afirmação sobre o estudo da cidade antiga: “Finalmente, creio que a história das cidades antigas individuais é um cul-de sac, dados os limites da documentação disponível (e potencial) e a condição inalterável do estudo da história antiga” (1977, p. 21) Faz lembrar o rei francês Luiz XIV: ‘après moi le déluge’.

15 Vejam-se os levantamentos exaustivos da incidência e dos contextos de uso de termos específicos como *empóron*, *kóme* e outros na documentação textual, não apenas os textos mais conhecidos, como também em fragmentos epigráficos, inscrições, etc. Vide o levantamento bibliográfico do nosso projeto para as referências completas das publicações deste Centro.

16 Vide o site [www.harvard.edu](http://www.harvard.edu)

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>19 de 25</p>

1. Bibliografia atualizada pertinente ao estudo da temática proposta incluindo não apenas livros como relatos de escavações publicados.
2. Coleções de textos antigos bilíngües (grego/ latim e uma língua moderna) que permitam a consulta rápida de passagens que subsidiem a contextualização de dados materiais obtidos.
3. Estruturação de um banco de dados e de imagens relativas ao ambiente construído na Grécia antiga em seus vários níveis. Tendo em vista a enorme quantidade de material disponível, pensamos em uma primeira etapa reunir imagens relativas à composição de elementos construídos na paisagem como plantas de cidades em seus aspectos urbanos e em suas relações com o território; plantas parciais de cidades que mostrem a composição de vários elementos na configuração de espaços com funções específicas, por exemplo, os vários elementos que configuram os portos, as praças, as áreas de residências, as áreas sagradas; mapas de distribuição de cidades por regiões; mapas de distribuição de vestígios materiais na paisagem como aqueles obtidos por meio das técnicas de levantamento arqueológico espacial. Em um momento posterior e conforme a pesquisa se encaminhe, é nossa intenção disponibilizar esta documentação para consulta local de pesquisadores interessados.

### **Resultados esperados**

1. Produção de textos reflexivos que sirvam de ponto de partida para a discussão em reuniões periódicas do grupo de pesquisadores e alunos envolvidos. Uma vez discutidos e ampliados estes textos seriam publicados formando uma série de repercussão na pesquisa científica sobre o mundo clássico e no ensino universitário.

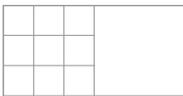
Inicialmente, os textos previstos devem abordar as seguintes linhas de pesquisa:

#### A origem da pólis. Textos:

- a. Historiografia da pólis: tema que prevê a montagem de um arquivo bibliográfico, já em parte iniciado e apresentado junto com este projeto.
- b. Formação da pólis na Grécia continental.
- c. Contribuições do Ocidente grego na construção da identidade da pólis: organização do espaço.

#### A especialização dos espaços, sua distribuição na malha urbana e no território e o seu significado na organização social. Textos:

- a. A topografia das trocas na Grécia antiga.

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>20 de 25</p>

b. O espaço das práticas religiosas.

A estruturação da malha urbana. Textos:

a. Ortogonalidade e adaptabilidade ao terreno da malha urbana.

b. A malha urbana e a circulação inclusiva e exclusiva nas cidades do Ocidente grego.

2. Realização de um Workshop por ano em que toda a equipe brasileira possa participar e onde se conte também com um ou outro convidado do exterior. Com publicação dos resultados e dos textos envolvidos.

3. Viagens ao exterior com a finalidade de coletar dados em bibliotecas especializadas, visitar sítios arqueológicos, realizar fotografias e filmagens.

4. Produção de material áudio visual destinado a professores e estudantes dos vários níveis de ensino.

a. Vídeo sobre a cidade grega em duas versões: uma destinada ao ensino superior e outra ao ensino médio.

b. Texto sobre “A pólis e o conceito de cidadania” de apoio ao vídeo e destinado sobretudo ao ensino médio. Este texto poderá também subsidiar a visitação à exposição permanente do MAE/USP.

c. Maquete-jogo sobre a cidade grega.

d. CD Rom : “Experimentando o espaço na cidade grega”.

5. Criação de um site onde tanto textos como imagens possam ficar disponíveis a alunos do ensino superior e de outros níveis.

### **Cronograma de trabalho**

O cronograma ora apresentado é, como não poderia deixar de ser, preliminar. Nossa experiência tem demonstrado que toda pesquisa sofre alterações no percurso sendo ‘calibrada’ a cada passo, ainda mais em um projeto que pretende abranger inicialmente quatro anos. Nossa pretensão é poder contar com o apoio da FAPESP na instalação e início de funcionamento deste Laboratório que poderá consolidar-se no MAE e continuar muito além dos quatro primeiros anos.

#### Março de 2006 a fevereiro de 2007.

Compra do equipamento e estruturação do Labeca com a reunião e organização do material já existente.

Divisão de tarefas e de temas.

Levantamento de material existente nas Bibliotecas brasileiras para o banco de dados.

Levantamento de material no exterior.

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>21 de 25</p>

Reuniões temáticas e de avaliação do andamento do projeto a cada cinco semanas.

Importação de livros.

Início da série de publicação de textos (pensamos em três a cada ano).

Workshop com os primeiros resultados das pesquisas ao final do primeiro ano.

Elaboração de duas maquetes.

#### Março de 2007 a fevereiro de 2008

Organização do material já coletado para a criação do *site* – alimentação do *site*.

Viagem ao exterior para coleta dos dados já referenciados, visitas a sítios arqueológicos (a serem selecionados de acordo com as pesquisas do primeiro ano), realização de fotografias e de filmagens.

Reuniões temáticas a cada quatro semanas.

Workshop.

Publicação do primeiro volume com os primeiros resultados.

Importação de livros.

Continuidade da publicação da série de textos.

Elaboração de duas maquetes.

Vídeo e texto de apoio.

#### Março de 2008 a fevereiro de 2009

Rotina: organização de material coletado e alimentação do *site*.

Viagem ao exterior para coleta dos dados já referenciados, visitas a sítios arqueológicos (a serem selecionados de acordo com as pesquisas do primeiro ano), realização de fotografias e de filmagens.

Reuniões temáticas a cada cinco semanas.

Importação de livros.

Continuidade da publicação da série de textos.

Workshop.

Elaboração de duas maquetes.

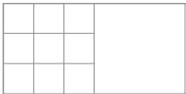
#### Março de 2009 a fevereiro de 2010

Rotina: organização de material coletado e alimentação do *site*.

Reuniões temáticas a cada cinco semanas.

Workshop prevendo uma exposição fotográfica e de maquetes.

Publicação do segundo volume.

	Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.	Mar / 2009
		22 de 25

Importação de livros.

Continuidade da publicação da série de textos.

Elaboração de duas maquetes.

Elaboração do CD Rom.

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>23 de 25</p>

## Bibliografia (referências citadas no Projeto)

AAVV 1967 *La Città e il suo territorio*. Atti del Settimo Convegno di Studi sulla Magna Grecia. Taranto.

Alcock, S. e Cherry, J. F. 2004 *Side by Side Survey. Comparative Regional Studies in the Mediterranean World*. Oxford: Oxbow Books.

Andrade, M.M. 2002 *A vida comum: Espaço, cotidiano e cidade na Atenas Clássica*. Rio de Janeiro: FAPERJ.

Barker, G. e Lloyd, J. 1991 *Roman Landscapes. Archaeological Survey in the Mediterranean Region*. Archaeological Monographs of the British School at Rome, n. 2, Londres.

Bintliff, J. L. and Snodgrass, A. 1985 'The Cambridge – Bradford Boeotian Expedition: The first four years'. *JFA*, 12, 123-161.

Castagnoli, F. 1972 *Ortogonal Town Planning in Antiquity*. Cambridge University Press.

Chevitarese, A. L. 2001 *O espaço rural da pólis grega. O caso ateniense no período clássico*. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros.

Chtcheglov, A. 1992 *Pólis et Chora. Cité et territoire dans le Pont-Euxin*. Besançon, Annales Littéraires de l'Université de Besançon.

Childe, G.V. 1960 (1941) *O que aconteceu na História*. Rio de Janeiro: Zahar.

De Angelis, F. 2003 *Megara Hyblaea and Selinous. The development of two Greek city-states in archaic Sicily*. Oxford University School of Archaeology, Monograph n. 55.

De Polignac, F. 1996 *Cults, territory and the origins of the Greek city state*. Universidade de Chicago.

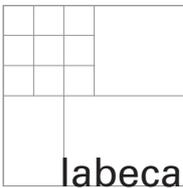
Dufkova, M. e Pecirka, J. 1970 *Excavations of Farms and Farmhouses in the Chora of Quersonesos in the Crimea*. *Eirene*, 8, 123-174.

Finley, M.I. 1987 'Max Weber e la città – stato greca' em *Problemi di metodi di storia antica*. Roma-Bari: Laterza.

\_\_\_\_\_ 1989 'A cidade antiga: de Fustel de Coulanges a Max Weber e além'. *Economia e Sociedade*. Lisboa: Ed. Setenta.

Fustel de Coulanges, N.-D. 1999 *A cidade Antiga. Estudo sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma*. Bauru: Edipro.

Hansen, M. H. 1997 'POLIS as the generic term for state' Em T.H. Nielsen *Yet more studies in ancient Greek Pólis*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 9 - 15.

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labeca</p>		<p>24 de 25</p>

- Humphreys, S. 1979 *Saggi antropologici sulla Grecia Antica*. Bologna: Patron.
- Kolb, F. 1992 *La ciudad en la Antigüedad*. Madrid, Gredos.
- Lawrence, D.L. e LOW, S. 1990 'The built environment and spatial form'. *Annual Review of Anthropology*.453-505.
- Levi, M. A. 1989 *La città antica. Morfologia e biografia della aggregazione urbana nell'antichità*. Roma: L'Erma.
- Malaco, J.T.S. 2003 a *Dois ensaios: Cidade, ensaio de aproximação conceitual; Espaço, propriedade, liberdade*. Guarujá : Alice Foz.
- Martin, R. 1956 *L'urbanisme dans la Grèce Antique*. Paris, A.+J. Picard.
- 1951 *Recherches sur l'agora grecque*. BEFAR, 174. Paris : De Boccard.
- Momigliano, A. 1970 'La città antica di Fustel de Coulanges' *RSI*, 82, 78-89.
- \_\_\_\_\_ 1979 'Libertà di Parola e tolleranza religiosa nel Mondo Antico' em S. Humphreys, *Saggi antropologici sulla Grecia Antica*. Bologna: Patron, 351-369.
- Morris, I. 1992 *Death Ritual and Social Structure in Classical Antiquity*. Cambridge.
- Nevett, L. 1999 *House and Society in the ancient Greek World*. Cambridge University Press.
- Perring, D. 1991 'Spatial organization and social change in Roman Towns'. J. Rich e A. Wallace Hadrill *City and Country in the Ancient World*. Londres: Routledge, 273-293.
- Rapoport, A. 1978 *Aspectos humanos de la forma urbana*. Barcelona: GG.
- \_\_\_\_\_ 1982 *The meaning of built environment: a non-verbal communication approach*. University of Arizona Press.
- Snodgrass, A. 1986 'Interaction by design: the Greek city state' em C. Renfrew e J. Cherry *Peer Polity Interaction and social-political change*, Cambridge University Press, 47-58.
- Trigger, B. 1989 *A History of Archaeological thought*. Cambridge University Press.
- Ward-Perkins, J.B. 1974 *Cities of Ancient Greece and Italy: Planning in Classical Antiquity*. Londres: Sidgwick and Jackson.
- Weber, M. 1944 *Economia y Sociedad. Esbozo de Sociología Comprensiva*. (2 vols.) México: FCE.

	<p>Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade.</p>	<p>Mar / 2009</p>
<p>labecca</p>		<p>25 de 25</p>

Whittaker, C.R. 1993 'Do theories of the Ancient City matter?' em *Land, City and Trade in the Roman Empire*. Brookfield-Vermont: Variorum, 1-20.

Wycherley, R.T. 1962 *How the Greeks built their cities*. Londres: Macmillan Press.

\_\_\_\_\_ 1951 'Hellenic cities'. *Town Planning Review*, Liverpool, 22, july, 103-121.

\_\_\_\_\_ 1951 'Hellenistic cities'. *Town Planning Review*, Liverpool, 22, oct. 177-205.